

Em tempos de malabares¹

Aracéli Ióli Tomazi²

Gustavo Deon³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC

RESUMO

A Crônica, Em tempos de malabares, foi produzida como atividade da disciplina Redação Jornalística III, componente curricular do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na UNOESC Joaçaba, no primeiro semestre de 2011. Nesta época os representantes políticos, eleitos em 2010, estavam assumindo os cargos conquistados nas eleições. A crônica teve como objetivo construir um texto com cunho reflexivo e analógico tomando como base de comparação a “política e o malabarismo”. Nesse âmbito o autor procurou refletir sobre as similaridades entre o malabarista do circo, acostumado a lidar com habilidade com os objetos jogados ao ar e o político que muitas vezes joga promessas mirabolantes ao público para conquistar o aplauso final, que nesse caso seria o voto.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; espetáculo; jornalismo; malabarismo; política.

1 INTRODUÇÃO

A busca por algo novo faz do jornalismo uma fonte de informações para alcançar o público, público este, que necessita constantemente de conteúdos para suprir as necessidades de estar inteirado com os acontecimentos ao seu redor. Dentre os diversos segmentos jornalísticos que atuam neste sentido se insere a crônica.

A crônica consolidou-se no Brasil em meados do século XIX. Anteriormente era conhecida por folhetim e trazia em seu conteúdo, romances. Atualmente a crônica é baseada em fatos reais e se utiliza de estruturas de narrativas próximas da literatura para expor seus objetivos. Parece conversa fiada, informal, de linguagem simples, coloquial e espontânea que muitas vezes, como observamos nos jornais, tratam de assuntos sérios, relevantes para o bom andamento da sociedade.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção em Jornalismo Opinativo, modalidade Crônica.

² Aluna líder do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo, email: ara.saltofm@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo email: gustavo.deon@unoesc.edu.br

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com o interlocutor que nada mais é do que nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância (SÁ, 1987, p. 11).

A crônica é uma maneira leve de tratarmos assuntos polêmicos. O jogo de palavras chama a atenção dos leitores e ou telespectadores sem provocar espantos maiores, muitas vezes destaca-se por ser textos bonitos em palavras e atrativos em conteúdos. O talento, o humor e criatividade, são características de inúmeros cronistas, porém, não seria fácil elaborar um texto se o autor desconhece-se a realidade da sociedade. Estar bem informado faz toda a diferença. A crônica precisa atrair a atenção, do leitor e ou expectador, para instigar o pensamento crítico das pessoas. Podemos então, considerar a crônica como a maneira mais fácil de provocar a reflexão sobre determinado assunto, sobre a visão de quem a escreve.

Segundo Fernando Sabino a crônica deve escolher um fato capaz de reunir em si mesmo o “disperso conteúdo humano”, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: “ensinar, comover e deleitar” (SÁ, 1987, p. 22).

Assim os assuntos do cotidiano podem ser transformados em humor ou ironia. O assunto política também se destaca, e o “estilo” tragédia é de fato outra abordagem para produção de crônicas. Jorge de Sá relata:

A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade. [...] Sabino fica mais à vontade para explorar o humor das situações que melhor exemplificam o lado tragicômico da realidade urbana, quase sempre em contraponto ao espaço rural (DE SÁ, 1987, p. 23).

A crônica também é informação, embora utilizando de técnicas diferentes de uma notícia, ela relata idéias e situações diversas, é à base do jornalismo opinativo. Sem nenhum impedimento, pode abordar até assuntos complexos e ou, então, difíceis de ser tratados com a sociedade, seja pela falta de um canal de comunicação ou pelo próprio preconceito ou medo de retaliações diversas. E se o jornalismo informa e orienta, a crônica além de informar e orientar, diverte e é entretenimento.

2 OBJETIVO

Construir uma crônica com cunho reflexivo e analógico tomando como base de comparação a “política e o malabarismo”.

3 JUSTIFICATIVA

A comunicação em todas as suas formas de abordar conteúdo é norteadora da sociedade, e a crônica por si só, ganhou com o passar do tempo à liberdade para tratar assuntos delicados. O objetivo de atrair olhares e instigar o pensamento crítico reforça a importância deste gênero jornalístico.

A crônica Em tempos de malabares foi desenvolvida para promover o comprometimento dos eleitores com a sociedade em que vivem. Promover a análise dos eleitores quanto à importância de exercer seus direitos como cidadão, desde a escolha de candidatos, o ato de votar, ao direito de fiscalizar os trabalhos dos governantes eleitos. Assim como, incentivar a busca perante os órgãos governamentais, novos projetos e leis para beneficiar a sociedade como um todo, pois os direitos e deveres dos eleitores não devem cessar na urna eletrônica.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O desenvolvimento da crônica iniciou do estudo dos gêneros jornalísticos, na disciplina Redação Jornalística III, cujo assunto “Política” foi proposto em decorrência da época em que estávamos presenciando as primeiras atividades dos governantes eleitos em 2010. Do assunto política Gilberto Dimenstein destaca:

Na campanha, os candidatos apresentam mirabolantes planos, mas não tem o hábito de dizer de onde vai sair dinheiro e nem quanto tempo eles demorariam para ser executados. Divulgam-se até documentos com planos mais destinados a moldar uma imagem na imprensa do que propriamente a realidade. (DIMENSTEIN, 1994, p. 43).

Muitos eleitores não conhecem o dever de cada cargo e muitas vezes se ilude com promessas. Gilberto Dimenstein aponta:

O papel dos deputados e senadores é fazer leis e não obras. Aí está a diferença entre Executivo, que executa, e Legislativo, que legisla. No máximo, podem alterar o orçamento. Mesmo assim uma pequena parcela dele (DIMENSTEIN, 1994, p. 42).

Mas afinal, por que comparar política com malabares?

O malabarismo pode ser caracterizado por ser habilidoso, artístico, possível com qualquer material e por qualquer pessoa. Habilidoso, porque o malabarismo não é fácil. Não é preciso ter nenhum talento especial, mas sim habilidade adquirida pela prática. É uma possibilidade que só possuem os que passam um bom tempo praticando; não existe maior mistério (BORTOLETO, 2008, p.40).

Marco Antonio Coelho Bortoleto organizador da obra Introdução à Pedagogia das atividades Circences relata - “a representação mais antiga que conhecemos da prática do malabar, comumente denominado “malabares”, antes mesmo de receber tal definição, encontra-se no Egito na décima quinta tumba de Beni Hassan, príncipe do Império Médio entre 1994 e 1781 a.C. De acordo com Comes (2000), há imagens de figuras malabarísticas decorando objetos os quais simulam a destreza de mulheres egípcias utilizando-se de várias bolas”.

A administração pública seja ela em âmbito nacional, estadual ou municipal encontra diversas barreiras legais ao tentar realizar alguns serviços. É neste momento, que todos nós sabemos que tudo será feito com o famoso “jeitinho”. O tradicional “deixa comigo”, em dois ou três toques tudo foi feito, claro, com todo cuidado e dedicação para não deixar visíveis “as manobras” realizadas.

O malabar é uma modalidade que não tem fim, é como a matemática, você vai estudar o resto da sua vida. Sempre tem alguém se superando, que faz sete bolas e outro amanhã irá fazer oito ou dez. Um artista joga por aqui o outro joga por trás ou por cima. O malabar está sempre se renovando, é um número ingrato porque você ensaia toda sua vida e ele nunca termina, sempre tem novidades, desta forma o ensaio do malabar é uma entrega, uma paixão, uma coisa infundável. Por isso comparo o malabar com o estudo da matemática, como algo que foi passado pelos meus pais, meus avôs, e depois para mim. Logo eu passei para minha filha e estou passando para meu neto agora. Malabar é um número que você tem que dedicar muitas, muitas horas, não adianta ensaiar duas ou três horas por dia (BORTOLETO, 2008, p.39).

Assim como na política tem muitos “jeitinhos”, há várias categorias de modalidade nos malabares, malabarismo de lançamento, malabarismos de equilíbrio dinâmico, malabarismos giroscópicos e malabarismos de contato. Para De Blas (2000) os diferentes tipos de malabarismo: bolinhas, rebote, contato, claves, aros, diabolô, delvil stick, bastão (staff), poi, massa (swing), laço, footbag, chapéu, cigar Box, spinning, bandeira, meteoro, prato, flair (garrafa), cubo olímpico, entre outros, podem ser agrupados em quatro diferentes categorias e acordo com o que os malabaristas fazem.

A leitura das fontes apresentadas neste documento foram decisivas na elaboração da crônica. O então já conhecimento prévio da política e seus procedimentos foram intercalados com as artes circenses, neste caso os malabares.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com texto opinativo a crônica Em tempos de malabares, foi produzida no primeiro semestre de 2011, como atividade curricular do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na UNOESC Joaçaba. Na Disciplina de Redação Jornalística III, obtive o embasamento teórico para desenvolver em 2.200 caracteres, o texto com cunho reflexivo e analógico tomando como base de comparação a “política e o malabarismo”.

Foi no centro universitário que encontrei afinidades com o gênero jornalístico, em questão. Brincar com as palavras tornou uma atividade prazerosa. Investigar o assunto político, um assunto sério, e escrever a realidade, ficou fácil quando ao buscar alternativas comparativas à política, pensei em circo, evidenciando o que eu ouvia nas ruas e grupos de bate-papo, bastava então assimilar o assunto, política e o circo.

De primeiro momento, assim instantaneamente, não parecia viável, mas tornou-se concreta após estudar as atrações mais utilizadas em espetáculos circenses. O Malabar, uma arte própria, desde o início do século XIX, atrai olhares nos *music-halls* e, principalmente, no circo. Assim, os assuntos foram “casados”, assimilados originando o produto jornalístico.

6 CONSIDERAÇÕES

A crônica Em tempos de malabares é uma crítica social, construída a partir a realidade que presenciávamos. A política que me aflige, assim como aflige outras pessoas, por ter seus desvios e condutas duvidosas foi o tema bordado. Não com o intuito de atingir pessoas ou desconsiderar o trabalho de eleitos, mas sim, para promover um debate sobre os direitos e deveres, tanto quanto, dos eleitores como dos candidatos e ou eleitos.

Cabe ressaltar, que o malabarismo, arte de circo, embasou o desenvolvimento do conteúdo, porém não deve ser considerado complemento da política.

Observo que os eleitores se deixam levar pela conversa fiada de candidatos, vão da conversa, diretamente à urna, acreditando que simples promessas podem mudar o mundo. Os políticos por mais que tenham “boas intenções”, se deixam levar por caminhos desonestos com o dinheiro, a saúde, a educação, a cultura, o esporte e tantos outros direitos básicos de sobrevivência da sociedade.

A crônica até o momento esteve guardada em meio aos arquivos universitários desenvolvidos durante o curso de Jornalismo. Agora passa a ter o compromisso de ultrapassar a sala de aula e se tornar agente no processo de reflexão e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**, Porto Alegre, Sulina, ARI, 1980;

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí SP: Fontoura, 2008.

COMES, Montserrat et al., **Ficheiro de juegos malabares**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.

DE BLAS, Xavier. **Los malabarismos desde la Praxiologia Motriz**. Actas del V Seminario Internacional de Paxiologia Motriz, INEF Galicia, La Coruña, p.68-88, 2000. Disponível em: www.deporteyciencia.com Acesso em: Maio de 2006

DIMENSTETEIN, Gilberto. **Como não ser enganado nas eleições**. São Paulo SP: Editora Atica. ed. 02, 1994.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo SP: Editora Ática. Ed. 03, 1987.